



EDITORIAL

Na atual conjuntura pandémica, em que as casas são mais intensamente vividas, recordamos o livro “O que nos dizem as casas”, de 2006, da autoria e design de Carlos Janeiro. Uma publicação do Museu Municipal de Coruche no âmbito da coleção Trajetos da História, que conta já com a edição de quatro monografias. Convidamo-lo a ler e a refletir sobre o tema em questão, que o arquiteto apresenta em jeito de ensaio.

Efetivamente tudo tem um tempo e o tempo deixa marcas. Na vila de Coruche muitos são os olhares que podemos fazer sobre o património edificado, não só observando os imóveis *de per se*, mas também analisando o conjunto dos mesmos. Na Praça da Liberdade, centro da vila, a história que se pode contar é secular, fruto da dinâmica de um sítio que sempre foi vivido e construído, cujo mosaico cenográfico urbano suporta uma identidade coletiva. Pelo que, de entre o conjunto edificado da Praça da Liberdade, em Coruche, o nosso olhar fixou-se num edifício de três pisos, aquele que apresenta uma cércea superior a todos os outros e cuja arquitetura é mais moderna, tida como “dissonante”, tornando-se indispensável um saber mais...

A partida de Heraldo Bento, o Sr. Heraldo, como lhe chamávamos com todo o respeito e carinho, foi fortemente sentida na comunidade coruchense. Mas, como escreveu Fernando Pessoa, “A morte é a curva da estrada, morrer é só não ser visto”. Assim será!

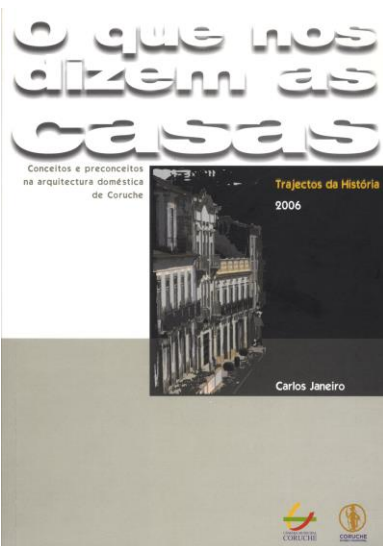
O QUE NOS DIZEM AS CASAS – CARLOS JANEIRO

“Construir é natural na espécie humana. Desde os primórdios da civilização que o Homem cria objetos, mas de todos eles a casa é o mais comum. Assim, construir um objeto tão banal como uma casa não parece à partida ser mais do que a resposta à necessidade básica de abrigo, de proteção ou intimidade. Mas a realidade é bem diversa. Apesar de pertencermos à mesma espécie e sentirmos necessidades idênticas, não utilizamos os mesmos princípios na construção destes “abrigos”. Pelo contrário. Na casa investimos muito daquilo que somos ou que ambicionamos ser, fazendo deste objeto o vestígio mais importante da nossa existência sobre a Terra. O que levará o Homem a produzir uma tão grande variedade de modelos, inventando técnicas, adaptando e transformando materiais, tornando-nos tão distintos das outras espécies construtoras? [...]

Construir uma casa é, para além de uma resposta funcional a um estímulo, a expressão da capacidade criadora e artística em resposta a necessidades emocionais que envolvem o desejo de inventar, metáfora do domínio sobre o meio pela imitação do ato divino, arquétipo da arquitetura enquanto disciplina filosófica. A diferenciação iconográfica, mais do que as tecnologias utilizadas, faz com que construir uma casa tenha tanto de materialidade pragmática como de exercício filosófico e artístico. [...]

As casas sempre tiveram um papel diferenciador, quer a nível social quer cultural, e a sua morfologia revela-se como um verdadeiro registo histórico, uma espécie de cápsula do tempo onde depositamos sonhos e ambições. Símbolo máximo do sentido de território, a casa e a fenomenologia que envolve a sua fundação constituem temas caros à teoria da arquitetura, motivo de estudo e reflexão para arquitetos, sociólogos, filósofos, antropólogos, historiadores, economistas, políticos... gente comum.”

[Extratos da edição: “O que nos dizem as casas”. Proposta de leitura do MMC]



SABER MAIS... SOBRE O PATRIMÓNIO EDIFICADO

Para este saber mais... desde já agradecemos a prestimosa colaboração do arquiteto Carlos Janeiro que nos traçou, em linhas gerais, a análise presentemente possível de um edifício “modernista” no conjunto da Praça da Liberdade, em Coruche. Uma estrutura que vem claramente na tradição de uma cenografia urbana que se preocupa principalmente com a fachada principal, desvalorizando o restante.



Foto: Carlos Janeiro (2006)

Da leitura da fachada é evidente uma linguagem plástica de grande coerência e uma clara referência estilística a dois dos principais movimentos artísticos europeus, precursores do “modernismo” em Portugal: a *Secessão* (com origem na Alemanha e Áustria em finais do século XIX) e o *Art Déco* (surgido em França no pós 1.ª Guerra Mundial). Assim, por diferir dos demais edifícios, ostentando uma linguagem erudita, quer se goste ou não, foi considerado “dissonante”.

Não será fácil determinar a autoria do projeto, já que o primeiro processo se terá perdido nas inundações, há algumas décadas, mas pode arriscar dizer-se que se tratará de um projeto “de arquiteto” ou, pelo menos, com a sua supervisão. A data de 1934 do processo camarário enquadra-se numa época em que estes “estilos” migraram por via erudita para toda a Europa, mas apenas seriam sensíveis a eles quem tivesse formação na área e/ou tivesse conhecimento do que se passava noutros países.

Não é aqui de menosprezar a influência que Ventura Terra teve na arquitetura nacional no início do século XX (pela via erudita, em paralelo com Raul Lino pela via popular). Como sabemos, foi responsável por obras de grande visibilidade, principalmente em Lisboa, pelo que também serviu de inspiração aos arquitetos, engenheiros e construtores “Tomarenses” da altura.

Fotos com vista parcial da vila de Coruche e da ponte General Teófilo da Trindade, sobre o rio Sorraia:

Fotografia datável de 1929/1930: anterior à inauguração da primeira ponte, inaugurada em 16 de agosto de 1930 com a presença do Presidente da República General Óscar Carmona.



Fotografia datável de meados dos anos 30 do século XX, possivelmente de 1935, onde se observam os andaimes na fachada do edifício. Procure as diferenças entre ambas.



A relativa “modéstia” de alguns elementos decorativos do edifício em questão pode ser explicada pelo contexto da vila, relativamente isolada à altura em termos culturais.

Conforme descrição da fachada, inteiramente feita pelo arqueólogo Nuno Santos, “são de destacar os medalhões abaixo dos parapeitos das janelas, em plano central. Trata-se de um conjunto de 6 medalhões de bronze fundido, formando três pares distintos:

- Ao nível do primeiro piso encontramos dois festões com motivos vegetalistas, formando uma grinalda estilizada, com palmeta, ramagem terminando em voluta e flores pendentes.
- Os festões aplicados ao nível do segundo piso são de grande dimensão, apresentando diferentes sobreposições de elementos também de inspiração vegetalista: folha aquática, sobre uma coroa que, por sua vez, se sobrepõe a um fundo ondulado.
- Acima das janelas do segundo andar, os medalhões apresentam decoração em óvalo.

Lateralmente, apresenta 4 varandins trapezoidais, assentes sobre mísulas e pilaretes em ferro forjado, com motivos em ziguezague. O remate da fachada do edifício faz-se com friso com quatro pilastras e ao centro um frontão sem base, encimado por platibanda com elementos geométricos.”

Por último é de referir, retomando as palavras de Carlos Janeiro, que se trata de um exemplo curioso de “contágio cultural” numa área tradicionalmente resistente à inovação como é a arquitetura fora dos principais centros urbanos.



Excerto de foto: Nuno Santos (2020)



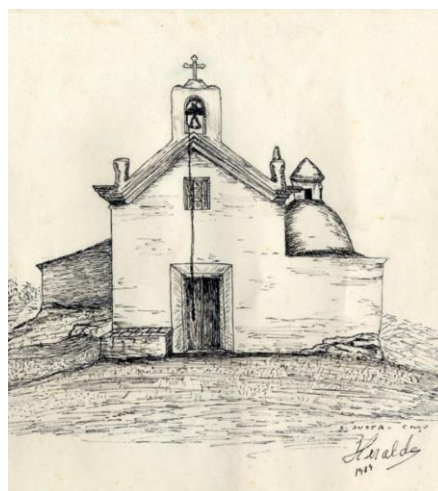
Arquivo MMC [foto cedida por Joaquim Maria Ribeiro Telles, do Álbum Armando Lizardo]

HERALDO BENTO – UM HOMEM DOS TEMPOS

Ainda que nunca tenha sido formalizado o Grupo de Amigos do Museu Municipal de Coruche, não temos dúvida alguma em afirmar que Heraldo Bento era um desses amigos, um Amigo por excelência. A equipa do Museu Municipal de Coruche sente, com grande saudade, esta separação. Foi um homem sem igual, de grandes valores e memórias. O seu legado é ímpar. Nunca o esqueceremos.

O seu sorriso alegre e verdadeiro vai fazer-nos muita falta. Tão bom que era conversarmos... Obrigada(o) por tudo o que aprendemos consigo. Recordamo-lo, a partir do site do MMC, na exposição feita no ano de 2016 em sua homenagem: “Heraldo Bento – um Homem dos Tempos”.

Até sempre!



Igreja de Santa Justa do Couço.
Desenho de Heraldo Bento (1989), publicado no catálogo da exposição “Coruche: o Céu, a Terra e os Homens” (2014)

Ficha técnica:

Coordenação: Cristina Calais

Textos: Carlos Janeiro, Cristina Calais, Nuno Santos;

Colaboração: Carlos Janeiro | **Revisão:** Ana Paiva | **Arranjo**

gráfico: Cristina Calais | **Fotos:** Arquivo MMC, Carlos Janeiro,

Nuno Santos, José João Ferreira | **Montagem** da foto do

Editorial: Dinis Serrão

Horário:

Verão 10h30-13h / 14h30-18h

Inverno 9h30-13h / 14h30-17h

Aberto de 3.ª feira a domingo

Encerra às 2.ªs feiras e feriados

Espaços públicos:

Auditório

Cafetaria/Pátio

Salas de Exposições

Centro de Documentação

Núcleos Museológicos

Contactos:

Rua Júlio Maria de Sousa

2100-192 Coruche

Tel.: 243 610 820

E-mail: museu.municipal@cm-coruche.pt

Página web: www.museu-coruche.org